

Dispositivos de controle presentes nas universidades: uma análise dos impactos na vida de discentes que performam no feminino

Control devices at universities: an analysis of the impacts on the life of students who perform in the feminine

Ariel Masucato Rodrigues¹
Igor Matheus Caldeira Brassioli²
Joicimar Cristina Cozza³

RESUMO

Este artigo busca analisar os dispositivos de controle que estão presentes nas universidades diretamente ligados a corpos que performam no feminino e quais impactos estão continuamente ligados a estes, visando não só uma análise institucional das relações de poder, mas também as marcas que atravessam esses sujeitos acerca de sua história, por meio da análise foucaultiana e de entrevistas heteroautobiográficas semiestruturadas, feitas com dois corpos que se identificam com a performance de gênero no feminino que estudam na instituição UniSalesiano Católico Auxilium localizada na cidade de Araçatuba/SP.

Palavras-Chave: Dispositivos de controle, Performance de gênero, Heteroautobiografia

ABSTRACT

This article seeks to analyze the control devices that are present in universities directly linked to bodies that perform femininity and which impacts are continuously linked to these, aiming not only at an institutional analysis of power relations, but also the marks that cross these subjects about its history, through a Foucaultian analysis and semi-structured hetero-autobiographical interviews carried out with two subjects who identify with the gender performance in women who study at the institution Unisalesiano Católico Auxilium located in the city of Araçatuba/SP.

Keywords: Control dispositives, Gender performance, heteroautobiography

Introdução

De acordo com Foucault (2014), em todos os tipos de sociedade, o corpo está sujeito a formas de dominação e controle que lhe impõe limitações, proibições e obrigações, sendo para ele as sociedades modernas definidas por sociedades disciplinares. Mas, foi a partir do século XVIII que as disciplinas se tornaram formas gerais de dominação. Inicia-se então o tempo em que se passa a olhar as futilidades, os detalhes, as coisas menores e as subjetividades para então melhor domesticar e controlar o homem, de acordo com as necessidades do Estado.

¹Acadêmico do 10º termo de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba

²Acadêmico do 10º termo de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Unisalesiano Campus Araçatuba

³Professora do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium – Salesiano Campus Araçatuba, Doutoranda em Educação pela UNESP de Marília, Mestra em Medicina Preventiva/Saúde Coletiva pela FMUSP/SP, Especialista em Violência Doméstica pela USP/SP

Sendo assim, a escola se molda como uma máquina do poder disciplinar, da mesma forma como as prisões e os hospitais, percebendo-se na escola os funcionamentos do poder disciplinar e os mecanismos que buscam o controle dos corpos. Esses corpos ingovernáveis, que chamam atenção pela sua relação com a produção de indisciplinas, são alvos dos mecanismos de espaço fechado, do sistema de notas, das catracas para conter o fluxo de passagem, dos horários e do sistema de fileiras, para melhor domínio e utilidade das forças dos corpos. Notam-se os funcionamentos do poder disciplinar, os mecanismos que buscam o controle dos corpos, que chamam a atenção pela sua relação com a produção de indisciplinas, sendo esses mecanismos o espaço fechado, para melhor domínio e utilidade das forças dos corpos, como, por exemplo, as catracas para conter o fluxo de indivíduos que saem e entram na instituição, observados pelos porteiros, com horários determinados para entrada e saída, o sistema de notas que cria um sistema hierárquico, pois segrega, define e classifica o bom e o mau aluno, e as relações poder-saber exercidas na interação entre professor e aluno.

O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar suas sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (Foucault, 2014, p. 135).

O poder disciplinar não tem forma, ele é invisível, torna o sujeito um objeto para o funcionamento da máquina social, tendo como moldes disciplinares normas e regras que definem seu encaixe ou não a normalidade.

A noção de performatividade é um termo da socióloga pós-estruturalista estadunidense Judith Butler que provém da ideia de que o gênero é algo que foge dos padrões heteronormativos e binários.

Um corpo é performativo quando produz uma série de efeitos em um dinâmica de poder que se renova à medida que os discursos se constroem. Portanto, sexo e gênero são constituídos a partir de um contexto cultural. Sendo assim, há todo um construtivismo em torno do sexo e do gênero, normas que são ditadas por padrões ditos normais e aceitáveis que são formados a partir de visões biológicas, religiosas e culturais. Nesse contexto, há corpos que não se identificam e não se encaixam nesses padrões. (COLLING, ARRUDA, NONATO 2019 apud BUTLER, 2001)

De acordo com Recke (2018, p.95), *existe uma ideia preconcebida de correntes filosóficas feministas advindas de pensadoras como Simone de Beauvoir de que o gênero seja uma construção cultural e o sexo é uma vertente oposta e dita “natural” baseando--se em enunciados médicos e biológicos, criando assim uma ruptura entre sexo e gênero*. Neste ponto, Butler ousa com sua controversa afirmação de que não há distinção entre sexo e gênero, desconstruindo toda a ideia que se tinha de categorias opositivas (ou dicotômicas) e hierárquicas que estariam inscritas na longa tradição metafísica, tais como: essência/aparência; natureza/cultura; imaterial/material; alma/corpo. (RECKE, 2018)

Ainda de acordo com Recke (2018, p.96), *o problema que Judith Butler identifica em se tomar o gênero como uma espécie de substância ou de determinar que o gênero seja uma forma de essência do sujeito[...]*o gênero não é um atributo do sujeito. Também não é uma essência ou substância que define o sujeito. Gênero, para Butler, não pode ser entendido como algo fixo, dado, a priori. Gênero é algo constituído a partir de atos que se repetem.

Butler conceitua o gênero como performativo. E é pela própria natureza performativa do gênero, que identificamos uma tendência à naturalização. Deste modo, o gênero é performativo porque é constituído pela estilização de atos repetitivos. Ora, são justamente tais atos repetitivos e estilizados que, ao longo do tempo, construíram contraditoriamente a ideia de que o gênero é um atributo natural do ser. É isso que dá a aparência de substancialidade. (RECKE, 2018, p.97)

Vale distinguir expressividade e performatividade. De acordo com a interpretação de Fernanda Raquel, quando Butler se refere à expressividade “entende-se a ação já dada a ser expressa, enquanto [performatividade] é uma ação a ser constituída”. *Essa distinção nos ajuda a entender que o conceito de performatividade evidencia o fato de que o gênero não possui caráter de essência ou substância que pertença ao sujeito, mas se trata de algo que o sujeito performa.* (RECKE, 2018 *apud* RAQUEL, 2016, p.125). É nesse sentido que Butler afirmar que o gênero é performativo. De acordo com Butler, o gênero demonstra ser performativo, quer dizer, constituinte da identidade que pretende ser ou simula ser. Nesse sentido, *o gênero é sempre um fazer embora não um fazer por um sujeito que se possa dizer que preexista ao feito.* (RECKE, 2018 *apud* BUTLER, 2015, p.25).

Quando é dito sujeitos que performam no feminino, a já citada heteroautobiografia não se sujeitará a analisar os discursos apenas dos que se identificam como mulheres, mas também de homens que ao performarem hábitos preestabelecidos por uma sociedade patriarcal como femininos, sentem-se potencialmente marginalizados e fragilizados.

Pode-se observar uma certa influência de Foucault nas obras de Butler, mais precisamente na obra *História da Sexualidade* publicada no ano de 1993, em que o autor define o sexo como efeito dos poderes exercido sobre o corpo, dando abertura para a autora Judith Butler criar seus escritos sobre gênero e sexualidade.

Para analisar os dados e identificar os processos que atravessam os corpos, foi utilizado da heteroautobiografia, conceito criado pela historiadora, professora, pesquisadora e feminista brasileira Margareth Rago. A técnica consiste em coletar retalhos narrativos do sujeito, retalhos esses que nos conduzem a um entendimento acerca da história do indivíduo, suas trajetórias, seus desejos, as forças que o atravessam, visando acima de tudo produzir um espaço de escuta. Neste espaço buscam-se as falas de si e silêncios, no hibridizar dos corpos narram-se e escutam-se, produção heteroautobiográfica. (POLIZEL, 2018 *apud* RAGO, 2013) *Essa heteroautobiografia é um movimento que se afasta do padrão, é nômade, vai para todos os cantos e não vai a nenhum ao mesmo tempo.*

*Hetero acerca de dois corpos distintos que se encontram; biográfico conforme um dos corpos narra suas vivências, buscando lugares, espaços-tempo, sentimentos, percepções para contar; autobiográfica conforme o ouvinte reconhece o outro, criando um espaço de escuta permitindo a mistura dos dois corpos que se encontram; heteroautobiográfica, conforme ambos (des)(re)memoram suas vivências, se reconhecem juntos, se escutam juntos, escrevem juntos, produzem juntos esses retalhos. POLIZEL (2018 *apud* RAGO, 2013)*

A técnica expressa as vivências e as marcas deixadas nas relações de poder, marcas essas que são registros dos processos de subjetivação e da verdade discursiva.

A análise do discurso

As noções de discurso para Michel Foucault diferem da visão superficial e de senso comum que se tem sobre o tema, que basicamente as resumem em uma mensagem proferida oralmente em determinado local e para um público específico.

Foucault buscou esmiuçar e olhar por um viés crítico o poder e influência que o discurso gere sobre corpos e consequentemente na sociedade, o filósofo analisará as práticas discursivas na prática.

Mas o que há assim de tão perigoso nas pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo? (FOUCAULT, 1996, p. 8). A indagação que foi feita por Foucault na aula inaugural sobre a Ordem do Discurso no Collège de France, serve como ponto de partida para entender a complexidade de enunciados e a capacidade que os discursos tem de criarem saberes. De acordo com (FISCHER 2001 *apud* FOUCAULT 1986, p.133) *não há enunciado que não esteja apoiado em um conjunto de significados, mas o que importa é que esses signos se caracterizam por quatro elementos básicos: um referente (ou seja, um princípio de diferenciação. Um sujeito (no sentido de "posição" a ser ocupada), um campo associado (isto é, coexistir com outros enunciados) e uma materialidade específica, por tratar de coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativadas através de técnicas, práticas e relações sociais.*

Funcionando como uma engrenagem que exerce através das relações de poder, os discursos produzem verdades, normas, sempre suprimindo interesses sociais, manifestando-se para ditar o que e quais ações e práticas serão aceitas ou expurgadas, o que vai ser proibido e o que vai ser permitido, o que é normal e o que é patológico, formulando assim a subjetividade.

A noção de subjetividade aqui utilizada é a suplementada por Foucault, que a entende como um efeito de modos de subjetivação e [...] *a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo [...]*. (ALVES; PIZZI, 2014 *apud* FOUCAULT, 2006, p. 236)

Segundo ALVES; PIZZI (2014) inevitavelmente a subjetividade é influenciada pelas relações de poder, e não se pode analisar uma sem levar a outra em consideração. Para Foucault, o poder não tem um caráter apenas opressor e dominador, mas também é um construtor de sujeitos e é exatamente esse o ponto onde subjetividade e poder se cruzam: na formação de indivíduos.

Retalhos Narrativos

Retalhos, vários fragmentos que se tira de algum corpo, é a partir desse conceito que a análise deste trabalho se baseou, retalhos narrativos de corpos que há tempos são fragilizados e hostilizados, corpos de estudantes universitários que além de serem atravessados por normas e regras institucionais, são atravessados e desvalorizados por normatividades sociais. A metodologia usada no trabalho foi a qualitativa, buscamos entender aspectos singulares e subjetivos dos sujeitos analisados, para um entendimento mais profundo dessas marcas coletadas, a partir da perspectiva dos indivíduos estudados, o material foi coletado através de entrevistas autoheterobiográficas e analisado através da análise do discurso baseada em conceitos foucaultianos. Para isso, escolhemos dois alunos do Centro Universitário UniSalesiano Auxilium da cidade de Araçatuba-SP, o convite foi feito através da rede social *WhatsApp*, logo que aceitaram, leram e aceitaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, marcamos então as entrevistas via *Google Meet*. Na data das entrevistas, antes de prosseguir as questões semiestruturadas, os entrevistados foram orientados mais uma vez de como prosseguiríamos dali em diante, a partir desse momento em diante, não só nas perguntas guia, mas como nos diálogos narrativos sobre a história de vida, apareceram conteúdos que serviram como material de análise para a pesquisa. Vale destacar que o questionário foi composto por questões abertas e tiveram como propósito conduzir o entrevistado a relatar suas vivências buscando fortalecer o discurso narrativo do sujeito em relação ao tema da pesquisa e nossos objetivos.

Podemos definir as questões semiestruturadas em: a) Por que você escolheu esse curso e como foi a sua preparação até aqui? B) Como foi a relação de sua família sobre seus estudos? C) Você já se sentiu intimidado ou subestimado no ambiente acadêmico? D) Em algum momento você já se sentiu contrariado ou que sua opinião fosse menos importante apenas pelo jeito que você se expressa no contexto acadêmico? D) O que você entende por feminilidade? Você se identifica com isso? E) Você já se se sentiu pressionado ou atrapalhado por conta das normas e regras da universidade? Você acha que isso influencia o aluno a ter um bom desempenho?

As respostas e narrativas foram gravadas através do software de gravação da plataforma *Google Meet*, reouvidas e transcritas, posteriormente tomamos notas dos conteúdos que emergiram para nos direcionarmos a análise discursiva.

Este processo do narrar a si, de produzir estes cacos é um carreador de subjetividades, mostrar marcas, recortes de um passado que ainda se faz presente. O narrar-se é também o inventar a si, o expor-se nos encontros com as tecnologias de poder que o constituíram, seja ferindo seu corpo ou resistindo a estes ferimentos. É esta exposição de suas experiencialidades que apresentam dor e valoração, representa formas e sentidos que são dados a própria vida. É um processo constitutivo, seletivo, de tradução, em que os significados não são os mesmos de antes, fazem-se significados outros e, são eleitos para serem narrados e registrados. POLIZEL (2019 apud FOUCAULT, 2015; RAGO, 2013; REGO; AQUINO; OLIVEIRA, 2006; CANTANI, 2006).

As narrativas apresentadas são uma união de dois corpos que são atravessados por uma performance de gênero no feminino, subjetivados e sujeitados por diversos dispositivos, sendo esses corpos:

a) Marizete, 41 anos, apresentando-se como Mari, uma mulher cisgênero heterossexual, casada. Graduanda em Psicologia, atualmente no 10º termo na instituição Unisalesiano Católico Auxilium – Campus Araçatuba

b) Sérgio, 21 anos, apresentando-se como um garoto homossexual, afeminado. Atualmente estagiando no último ano de Educação Física na instituição Unisalesiano Católico Auxilium – Campus Araçatuba

O espaço e a linguagem na narrativa da performance no feminino

Nos dois discursos, é notório que ambos são atravessados por interferências do espaço em que existem por conta de suas performances de gênero, como exemplo: [...] Eu achei um lugar machista, não achei legal, não gostei, e eu me sentia muito intimidada eram muitos meninos, as vezes eu ia fazer trabalho em grupo, algo que já não é fácil, não gostava nessa parte, eu achava que era um local misógino (MARIZETE), [...] no começo eu me sentia contrariado, intimidado, no começo é sempre a parte mais difícil, mas com o tempo a gente quer tanto revolucionar, tanto “quebrar o tabu”, que agora que eu estou nesse meio e sou de uma forma totalmente diferente... porque não começar por aqui? Por que eu não começo a mostrar que eu pinto a unha, que eu sou afeminado e pequeno, que eu tenho a capacidade de aprender a mesma coisa que eles? (SÉRGIO).

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária

de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho, na realidade da ordem social. (BORDIEU, 2012, p. 18)

O sistema patriarcal é tão impactante quanto as disciplinas e as biopolíticas para o estado capitalista neoliberal, podemos ver em várias esferas a reprodução de tais comportamentos herdados estruturalmente, seja na família, na escola, no trabalho e até mesmo na religião, desde pequenas frases que muitos pensam soar “inofensivas” até a violência explícita.

Nota-se que ambos se identificam com a performance do feminino através da verdade discursiva, que vamos chamar de linguagem, por exemplo: [...] eu acredito que me identifico com a feminilidade mais por imposição do que achar que sou assim, talvez porque eu venha de uma família evangélica, meu pai é pastor, então a gente foi criada de uma maneira que a gente só podia usar saia e só podia ter o cabelo comprido, eu fui sendo modelada desse jeito, acho que por isso que eu me identifico, foi difícil pra desconstruir pois era algo muito rígido (MARIZETE), [...] eu acho que é os rótulos, simplesmente os rótulos, é porque você tem que rotular alguma coisa, a partir do momento que você só se permite ser as pessoas não estão preparadas para jogar os rótulos pra cima e cada um faz o que quiser da forma que quiser e isso não significa nada, não, as pessoas tem essa necessidade de colocar rótulos. (SÉRGIO)

De acordo com Foucault (2014) em todas as sociedades existem normas, e o poder as utiliza para socializar e domesticar seus participantes. O autor chama atenção para o fato de que nossas normas podem ser definidas como estratégias diretas, que para ele, chamada de estratégia sem estratégia. As técnicas normalizadoras têm como objetivo segregar e manipular os que estão fora dessa normatividade, é através dessas normas que o biopoder estipula o que é o comportamento dito como normal e como desviante, sendo as instituições a maior porta dos regimentos que empregam essa normalidade.

O efeito da sanção normalizadora é complexo. Ele parte da premissa de que todos os indivíduos são formalmente iguais. Isso conduz a uma homogeneidade inicial a partir da qual se estabelece a norma de conformidade. Porém, uma vez posto este aparelho em movimento, há uma diferenciação e uma individuação cada vez mais sutis que separam e organizam os indivíduos objetivamente. NASCIMENTO (2009 apud DREYFUS; RABINOW, 1995, p. 175).

Para Foucault (2019) a verdade/constatação, na forma de conhecimento talvez não passe de um caso particular da verdade/prova na forma do acontecimento; acontecimento que se produz podendo ser de direito repetido sempre e em toda parte. Ritual de produção que toma corpo numa instrumentação e num método a todos acessíveis e uniformemente eficaz; saída que aponta um objeto permanentemente de conhecimento e que qualifica um sujeito universal de conhecimento. Para o autor, foi graças a essa singularidade de produção de verdade que aos poucos foi cobrindo as outras formas de produção de verdade e, conseqüentemente, impôs essa forma como universal. Sendo assim, a verdade/constatação é apenas uma forma da verdade/prova, a nossa percepção de verdade é acontecimento, logo, podemos definir como estratégia e casualidade.

Existe uma conjuntura binária do sexo que, desconstruída nos estudos de Butler, auxilia-nos a dicotomizar os conceitos de naturalidade e cultura. Quando questionado sobre o que é feminilidade, o entrevistado, gay e afeminado, reproduz a seguinte ideia: [...]Vale eu falar que eu não sei? Porque eu realmente não sei. Então, se for pra falar da visão dos outros obviamente eu sei que é preconceito, que é estereotipo, eu sei o que eles acham o que é e o que não é (feminilidade) só que falando pra mim eu não consigo mais distinguir o que é feminino e não é.

Segundo RECKE (2018 *apud* BUTLER 2000) *a relação entre natureza e cultura, pressuposta por alguns modelos do gênero como construção, supõe uma cultura ou uma agência do social que age sobre uma natureza, a qual é, ela própria, pressuposta como uma superfície passiva, fora do social, mas sua necessária contraparte.*

Sendo assim, levamos em consideração, que os critérios de localização, distinção, e diferenciação de atos e formas sexuais e gênero só se tornam enunciados através de influências do social, do externo. Sérgio não diferencia o feminino do masculino, enquanto Marizete, por exemplo [...] foi difícil pra desconstruir, pois era algo muito rígido, do tipo “você tem que usar saia!”, e quando eu via uma mulher de calça eu pensava “olha, que feio, não é feminino isso” ou “está de short, que coisa estranha”, as vezes eu queria colocar porque eu observava as pessoas usarem, eu me via no espelho e pensava “nossa, não pareço uma mulher” usa de exemplificações estéticas e de discursos intrínsecos e repressores para categorizar o que é feminino ou não.

Considerações finais

De acordo com os relatos de Marizete e Sérgio, ambos corpos que performam no feminino e universitários da instituição Centro Universitário UniSalesiano Auxilium localizada na cidade de Araçatuba-SP, percebemos que mesmo sendo corpos com pensamentos e comportamentos diferentes, são atravessados por dispositivos normativos regidos pela instituição, e que, de certa forma, esses dispositivos impactaram em algum momento na formação de ambos, não estritamente ligados ao ensino, mas com forte influência na psique destes, devido a um sistema patriarcal que há tempos deturpa e menoriza o corpo que performa no feminino. O presente trabalho indica alguns dos dispositivos encontrados nas narrativas coletadas que atravessam os corpos, mas muitos outros podem ser reconhecidos no processo heteroautobiográfico que não foram o foco do trabalho. O principal objetivo da pesquisa é entender como alguns desses dispositivos marcam e atravessam esses corpos e como esses sujeitos se formam a partir disso, e não entender quem são esses corpos que foram sujeitados e subjetivados.

Referências Bibliográficas

ALVES, Julia M. D.; PIZZI, Laura C. V.. Análise do discurso em Foucault e o papel dos enunciados: pesquisar subjetividades nas escolas. **Revista Temas em Educação**. João Pessoa, 2014, p. 81-94.

BATISTA, Fábio. Foucault e as heterotopias: espaço, poder-saber. *Griot: Revista de Filosofia*, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 1-16, 12 jun. 2020.

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo S.; NONATO, Murillo N.. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, [S.L.], n. 57, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/nnMNWqQW7tjNCP9Kn9tgYJf/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FISCHER, Rosa M. B.. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa** [online]. 2001, n. 114, p. 197-223. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Epub 01 Ago 2003. ISSN 1980-5314. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em: 08 out. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2019.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Edições, Loyola, 2009a.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Tradução de Raquel Ramalhe.

NASCIMENTO, Eurípedes C.. A produção de conhecimento e verdade no contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, [S.L.], v. 3, n. 22, p. 557-572, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/v98BtYBt3jxVvWvkXbyMWWk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 07 out. 2021.

POLIZEL, Alexandre L.. NARRATIVAS GAYS: tecnologia da normalidade e a violência simbólica. **Colloquium Humanarum**, [S.L.], v. 15, n. 2, p. 387-392, 1 dez. 2018. Associação Prudentina de Educação e Cultura (APEC). Disponível em: <http://www.unoeste.br/site/enepe/2018/suplementos/area/Humanarum/Educação/NARRATIVAS%20GAYS%20TECNOLOGIA%20DA%20NORMALIDADE%20E%20A%20VIOLÊNCIA%20SIMBÓLICA.pdf>. Acesso em: 19 maio 2021

POLIZEL, Alexandre L. Tecnologias de poder e a narrativa de si na constituição de um “corpo negro, mulher, trans”. **Diversidade e Educação**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 30-38, 6 out. 2018. Disponível em: <http://periodicos.furg.br/divedu/article/view/7876>. Acesso em: 09 abr. 2021

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Unicamp. 2013

RECKE, Amanda. **Performatividade de Gênero: Judith Butler e uma crítica à alguns conceitos desenvolvidos pelas teorias feministas tradicionais**. Comfilotec. São Paulo - SP, p. 89

RODRIGUES, Andréa; MORAES, Marcos A.de O.; DOMINGUES, Mariana V.. O impacto da análise do discurso em práticas de ensino: experiências com leitura e escrita na escola. **Pensares em Revista**, [S.L.], n. 17, p. 220-240, 1 jan. 2020. Universidade de Estado do Rio de Janeiro. <http://dx.doi.org/10.12957/pr.2020.47375>.

SILVEIRA, Fernando de A.; FURLAN, Reinaldo. Corpo e Alma em Foucault: postulados para uma metodologia da psicologia. *Psicologia Usp*, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 171-194, 2003. **FapUNIFESP (SciELO)**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/MB7sG7z3wjwcsBDL8fZ7fL/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2021.

SOUZA, Luís A. F.; SABATINE, Thiago T.; MAGALHÃES, Bóris R. (org.). Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: **Cultura Acadêmica**, 2011.

VEIGA NETO, André. **Foucault e a educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.